

ALBERT NEWEN

**O DESENVOLVIMENTO DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM
WITTGENSTEINIANA DE 1929 A 1932**

Marcos Silva

Pós-Doutorando na Universidade Federal do Ceará
Bolsista FUNCAP/CAPES

Natal, v. 22, n. 39
Set.-Dez. 2015, p. 211-241

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109



0. Ponto de partida e tese¹

Em um modo de considerar grosseiro é diferenciado, na maioria das vezes, somente um jovem Wittgenstein de outro tardio, o autor do *Tractatus* de 1918 do autor das *Investigações Filosóficas* publicada postumamente em 1953. A riqueza dos escritos póstumos nos permite, entretanto, identificar uma imagem clara do desenvolvimento de seu pensamento, onde se podem descobrir posições de transição [*Übergangspositionen*] interessantes.

Apesar da diferença nos modelos para o desenvolvimento do pensamento wittgensteiniano domina o consenso de que i) os anos de 1929-32 são especialmente importantes para a formação da filosofia tardia, ii) que as observações sobre filosofia da linguagem compõem o núcleo da filosofia wittgensteiniana e iii) que a discussão da exclusão das cores desempenha papel central nela. A exclusão das cores afirma que duas cores não podem estar ao mesmo tempo no mesmo lugar. Em função do papel proeminente deste tema, a investigação posterior é de tal forma posta que primeiramente a questão específica é esclarecida: como a filosofia da linguagem de Wittgenstein se modificou através das teses sobre a exclusão das cores no ensaio *Some Remarks on Logical Form* (em seguida, brevemente, como *Some Remarks* ou RLF) em comparação com a sua posição no *Tractatus Logico-philosophicus* (em seguida, brevemente, como *Tractatus* ou TLP). É mostrado que, já no *Some Remarks*, podemos encontrar um claro desenvolvimento [*Weiterentwicklung*] de sua filosofia da linguagem. Esta posição é identificada como posição de transição do *Tractatus* para uma teoria do significado [*Bedeutung*] baseada na noção de cálculo². Todas

¹ Tradução feita a partir do original “Die Entwicklung der Wittgensteinischen Sprachphilosophie von 1929-1932”, *Zeitschrift für philosophische Forschung*, Band 51 (1997), 3, p. 427-447. Agradeço a um parecerista anônimo por valiosas correções a uma versão anterior desta tradução. (N. T.)

² Traduzo “*Kalkültheorie der Bedeutung*” e “*Gebrauchstheorie der Bedeutung*” como “teoria do significado baseada na noção de cálculo” e “teoria do significado baseada na noção de uso”, respectivamente. Embora esta escolha não seja a mais elegante em português, preserva o sentido original. Em tempo,

estas posições se movimentam em uma teoria da figuração³ entendida de modo geral, que é constantemente minada [*unterhöhlt*] através das mudanças e somente em 1932/33 é substituída [*abgelöst*] por uma teoria do significado baseada na noção de uso. Este passo não será mais discutido aqui. O modelo do desenvolvimento da filosofia da linguagem de Wittgenstein pode ser caracterizado como a imagem da mudança global [*insgesamt*] abrangente, mas realizada gradativamente, da teoria do significado linguístico [*Theorie der sprachlichen Bedeutung*], na qual o ensaio *Some Remarks* marca uma clara etapa, que se direciona para uma teoria do significado baseada na noção de cálculo⁴. Esta tese é comprovada ao se mostrar que a teoria do significado linguístico no *Tractatus*, em *Some Remarks*⁵, nas *Observações Filosóficas* e em *Wittgenstein e o Círculo de Viena* é em cada caso distinta e como estas teorias gradativamente emergem umas das outras [*auseinander hervorgehen*].

1. Classificação em uma discussão sobre o ensaio *Some Remarks on Logical Form*

No centro do ensaio *Some Remarks* de 1929 está a exclusão de cores. Esta foi apresentada como um tema central para o desenvolvimento de seu pensamento logo após a publicação dos primeiros textos do espólio de Wittgenstein⁶. Por consequência, ela encon-

todas as traduções do alemão e de outros textos em inglês são de minha responsabilidade. (N. T.)

³ Acompanho aqui a tradução canônica de Luiz Henrique Lopes dos Santos para “*Bildtheorie*” e “*Sachverhalt*” como “teoria da figuração” e “estado de coisas”. (N. T.)

⁴ Entretanto, todas estas etapas intermediárias [*Zwischenstufen*] merecem apenas condicionalmente a designação de “teorias”, porque elas são somente posições sedimentadas no meio do caminho [*halbwegs*]. Elas têm mais um caráter de esboço.

⁵ Assim como na tradição alemã, o importante artigo de Wittgenstein de 1929 também é comumente apresentado na discussão acadêmica brasileira usando-se seu título original em inglês. (N. T.)

⁶ Edwing B. Allaire: *Tractatus* 6.3751. p. 104.

trou espaço nas apresentações gerais [*Gesamtdarstellungen*] do desenvolvimento do pensamento wittgensteiniano⁷, onde Hacker atribui à exclusão de cores a maior importância [*Bedeutung*] para o desenvolvimento: “A primeira filosofia de Wittgenstein colapsa por conta de sua inabilidade para resolver um problema – exclusão de cores”⁸. Alguns novos trabalhos, entre os quais me remeto sobretudo ao ensaio de James Austin⁹, precisaram a imagem comum nas apresentações gerais do desenvolvimento do pensamento de Wittgenstein, concentrando-se no problema da exclusão das cores: é defendido que o ensaio *Some Remarks* marca a passagem da teoria da figuração no *Tractatus* para a teoria do significado baseada na noção de uso na filosofia tardia. Já nas *Observações Filosóficas* (PB) encontramos, correspondente a isto, uma primeira versão da teoria do significado baseada na noção de uso que só ganha então uma forma mais sofisticada com os *Cadernos Azul e Marrom* (BB) até as *Investigações Filosóficas* (PU). Um passo essencial nesta apresentação é a aceitação de uma abrangente e rápida mudança da filosofia wittgensteiniana¹⁰.

Ao contrário disto Don Sievert tenta primeiramente mostrar que a solução do problema da exclusão das cores é a mesma em *Some Remarks* e nas *Observações Filosóficas*, e em seguida, que ela não contém nenhuma renúncia [*Abkehr*] da filosofia do *Tractatus*, mas é, ao invés disso, compatível com ela. A sua tese de que só há uma posição em Wittgenstein em relação à exclusão de cores se adequa

⁷ Dignos de observação são, sobretudo: Anthony Kenny: *Wittgenstein*, capítulo 6, p. 103-119 e P.M.S. Hacker: *Insight and Illusion*, p. 86-94.

⁸ P. M. S. Hacker: *Insight and Illusion*, p. 86.

⁹ James Austin: “Wittgenstein’s solution to the color exclusion problem”. Cf. tb. Dale Jacquette: “Wittgenstein and the color incompatibility problem”.

¹⁰ Em uma nova apresentação geral [*Gesamtdarstellung*], esta perspectiva é defendida por Stephen Hilmy: “A evidência mostrou que no começo da década de 1930, Wittgenstein já tinha mudado para a linguagem ordinária como o domínio apropriado da lógica e repudiado suas visões metalógicas anteriores, assim ‘abrindo as portas’ para a investigação lógica de conceitos psicológicos que o ocuparam tanto durante as últimas duas décadas de sua vida”. Stephen Hilmy. *The later Wittgenstein*, p. 66.

à nova apresentação geral de Merrill e Jaakko Hintikka, que procuram provar uma continuidade muito abrangente entre os trabalhos de juventude e os tardios de Wittgenstein¹¹.

Quanto à contenda entre James Austin e Don Sievert em relação ao papel da exclusão das cores, gostaria de defender a seguinte tese: Austin tem razão quando afirma que em relação à exclusão das cores há posições diferentes a serem encontradas no *Tractatus*, no *Some Remarks* e nas *Observações Filosóficas* [e também nas conversas de Wittgenstein com o Círculo de Viena (WWK) que aconteceram paralelamente]¹². Entretanto, a posição de transição [*Übergangsposition*] no *Some Remarks* é descrita incorretamente, se for descrita como uma posição que marca a transição [*Übergang*] da teoria da figuração para a teoria do significado baseada na noção de uso. Isto tem por razão que, como Sievert mostrou, os aspectos acentuados por Austin, nomeadamente, a renúncia [*Abkehr*] do discurso sobre fenômenos e a introdução do discurso sobre regras, não são critérios suficientes para provar que a teoria da figuração do *Tractatus* fora em princípio recusada¹³. Um papel fundamental da teoria da figuração do *Tractatus* continua subsistindo longamente, a saber, a tese que o objetivo [*Zweck*] da linguagem seria a apresentação [*Darstellung*] da realidade [*Wirklichkeit*]. Se nós entendemos com teoria da figuração sobretudo este aspecto, então se deixa mostrar que as modificações do *Tractatus* em relação ao *Some Remarks* até as *Observações Filosóficas* e as conversas em *Wittgenstein e o Círculo de Viena* são modificações da teoria da figuração. Entretanto, as modificações vão tão longe que o programa da análise lógica da filosofia do *Tractatus* é rejeitado, e simultaneamente preparam o núcleo para uma teoria do significado baseado na noção de uso. A teoria do significado baseada na noção de cálculo assume este estatuto intermediário de uma ampla aversão [*Abwendung*] da teoria da figuração e de uma pré-etapa

¹¹ M. e J. Hintikka: *Investigating Wittgenstein*.

¹² J. Austin, p. 142.

¹³ D. Sievert, p. 306 *et seq.*

[*Vorstufe*] da teoria do significado baseado na noção de uso. A avaliação das mudanças no ensaio *Some Remarks* chama atenção da seguinte maneira: já no *Some Remarks* encontramos uma primeira etapa [*Stufe*] para a mudança na teoria do significado linguístico [*sprachlichen Bedeutung*] em Wittgenstein. Ela marca uma posição de transição [*Übergangsposition*] importante para a teoria do significado baseado na noção de cálculo, que por seu turno, é uma posição de transição para uma teoria do significado baseada na noção de uso.

2. Os fundamentos comuns no *Tractatus Logico-Philosophicus* (TLP) e no *Some Remarks on Logical Form* (RLF)

A tarefa da filosofia, em especial da teoria do conhecimento, é determinada no *Some Remarks on Logical Form* da seguinte maneira:

Onde a linguagem ordinária disfarça a estrutura lógica, onde ela permite a formação de pseudoproposições, onde ela usa um termo em uma infinidade de significados diferentes, nós devemos substituí-la por um simbolismo que dá uma imagem clara da estrutura lógica, exclua pseudoproposições e use seus termos de maneira não-ambígua.¹⁴

A sua tarefa é com isto a mesma que no *Tractatus*, pois ali é o objetivo da filosofia o esclarecimento lógico dos pensamentos (TLP 4.112), onde, em TLP 3.335 e 4.002 e seguintes, as mesmas exigências são vinculadas a isto: o evitar [*das Vermeiden*] de expressões com diversos significados [*mehrdeutigen*] e de pseudoproposições através de um simbolismo lógico adequado. Em seguida, se mantém a ideia fundamental da teoria da figuração [*Abbildtheorie*] como pano de fundo comum: uma proposição só pode figurar a realidade, se as possibilidades lógicas de combinação dos símbolos simples nas proposições forem as mesmas que nas possibilidades de ligação dos objetos simbolizados nos estados

¹⁴ RLF, p.20.

de coisas. Uma proposição só tem por isso um sentido, porque é uma figuração lógica da realidade (TLP 4.03) e só é o caso se a situação [*Sachlage*] por ela descrita puder existir. Não menos importante encontramos nos dois textos a mesma posição [*Auffassung*] sobre forma lógica: tem-se a forma lógica de uma proposição, caso se substitua todas as expressões não-lógicas da proposição por uma variável¹⁵. A forma lógica de uma expressão [*Ausdruck*] é determinada através de um critério de substituição: duas expressões têm a mesma forma lógica, caso a substituição mútua [*wechselseitige Substitution*] em proposições arbitrárias não resulte no fato de que o valor de verdade da proposição se modifique ou que uma proposição significativa [*sinnvollen*] se torne uma sem sentido [*sinnloser*]¹⁶. A forma lógica de uma expressão é caracterizada através das regras pelas quais fica determinado em que contextos de expressão ela pode ser usada de maneira significativa.

3. As teses no *Some Remarks on Logical Form*

Os pontos principais do curto ensaio se deixam resumir em duas teses:

Primeira tese: Os fenômenos factuais [*tatsächlichen Phänomene*] (os fatos) não se deixam representar sem que números ou outras informações de graus [*Gradangabe*] sejam aplicados nas proposições elementares¹⁷.

Nós só podemos alcançar uma análise correta através de uma investigação lógica dos fenômenos. Uma análise dos fenômenos nos leva a aceitar espaço, tempo, cor, sons etc. como fenômenos não-analisáveis, isto é, predicados de espaço, tempo, cor e sons,

¹⁵ TLP 3.315; RLF p.20

¹⁶ TLP 6.23. No RLF, nada é dito sobre a forma lógica das expressões [*Ausdrücken*], mas em conversas com o Círculo de Viena, assim como no *Tractatus*, o critério de substituição é explicitamente mencionado mais tarde (WWK, p. 46, 22/12/1929), de maneira que é fácil aceitar [*nahe liegt anzunehmen*] que o correspondente no *Some Remarks* não mudou.

¹⁷ RLF, p.23.

etc. são expressões primitivas que não desaparecem em uma análise lógica das proposições, nas quais elas aconteçam. Para estes predicados é característico que haja um nivelamento gradual [*graduelle Abstufung*¹⁸]. Quando descrevemos fenômenos, nos quais uma propriedade com nivelamento gradual [*gradueller Abstufung*] do fenômeno está envolvida, então a descrição só é possível, por exemplo, se um número do “grau” for dado a uma propriedade. Porque também estados de coisas simples pertencem aos fenômenos factuais, que por exemplo são descritos com predicados de cores, então números e outras informações de grau [*Gradangabe*] devem ser aplicados em proposições elementares.

Segunda tese: Proposições elementares de fato não podem se contradizer, mas é possível, que elas se excluam¹⁹.

Uma contradição tem sempre a forma ‘ $p \cdot \neg p$ ’. A conjunção de duas proposições elementares que se excluem tem uma outra forma, por exemplo, ‘RPT & BPT’, onde RPT: “a cor R se encontra no tempo T no lugar P” e BPT: “a cor B se encontra no tempo T no lugar P”. A exclusão se origina, porque as duas proposições são em certo sentido completas. A forma ‘() PT’ só deixa lugar para um objeto [*Gegenstand*], i.e., ela só pode ser completa, para um P e T fixos, por *um* predicado de cor. Uma análise dos fenômenos da realidade revela que duas cores não podem estar ao mesmo tempo no mesmo lugar. Para se afigurar esta realidade de maneira adequada na linguagem, a possibilidade de formar a conjunção ‘RPT & BTP’, deve ser excluída na linguagem, pois senão a linguagem teria uma multiplicidade maior que a da realidade. No caso de duas proposições com as quais dois graus diferentes de uma propriedade são atribuídos ao mesmo objeto, deve-se excluir a possibilidade lógica que pertence ao conectivo [*Junktor*] comum ‘e’ que duas proposições articuladas com ele possam ser verdadeiras.

¹⁸ “*Graduelle Abstufung*” é uma expressão redundante no alemão tanto quanto “nivelamento gradual” é em português. Porque podemos compor expressões híbridas de origem latina e de origem germânica na língua alemã, a redundância não fica tão evidente. (N. T.)

¹⁹ RLF, p. 25.

RPT	BPT
(V	V)
V	F
F	V
F	F

Esta proibição só pode ser capturada através de uma regra adicional da sintaxe lógica: “Estas regras têm de nos dizer que no caso de certos tipos de proposições atômicas <proposições elementares, A.N.> descritas em termos das características definidas do simbolismo certas combinações de Ts e Fs têm de ser deixadas de lado”²⁰. Estas regras adicionais são regras limitadoras tanto para o conector ‘e’ quanto para todas as propriedades que são responsáveis pela forma lógica especial ‘()PT”.

4. Apresentação das mudanças em relação às teses no *Tractatus*

No *Tractatus*, Wittgenstein não considerou o fenômeno da exclusão de cores com a forma ‘RTP & BPT’ como uma impossibilidade lógica fundamental, mas sim como uma impossibilidade lógica superficial, que poderia ser reduzida através da análise lógica a uma contradição da forma ‘ $p \cdot \neg p$ ’. Esta avaliação se baseia no postulado da independência para proposições elementares e estado de coisas²¹. Ele afirma, para proposições elementares, que nenhuma proposição pode estar em contradição com ela. Porque duas afirmações sobre cores [*Farbaussagen*], que se apresentem na forma de ‘RPT & BPT’, formam uma contradição, Wittgenstein tira

²⁰ RLF, p. 27-28. [N. T.: em inglês no original, p. 171.]

²¹ TLP 2.061, 4.211, 5.134.

a consequência que elas não podem ser proposições elementares²². Ao contrário disso, no *Some Remarks*, ele desiste do postulado da independência para proposições elementares e estado de coisas, porque ele está convencido que não existe uma análise das proposições com predicados de cores, nas quais estes possam desaparecer a partir de predicados não-graduais²³: “Eu mantenho que em uma sentença que atribui um grau a uma propriedade não é possível levar a análise a diante”.²⁴

As mudanças que são tomadas a partir da filosofia do *Tractatus* só podem ser adequadamente entendidas se o papel do postulado da independência no *Tractatus* for considerado e se for mostrado o que está sendo recusado, conseqüentemente, com esta exigência. Conjuntamente com o postulado da independência se desiste primeiramente que a impossibilidade lógica tenha a forma “ $p \cdot \neg p$ ” (TLP 5.1241). Se proposições elementares são dependentes umas das outras, então uma impossibilidade lógica pode também ter outra forma, o que fica claro com as afirmações sobre cores [*Farbaussage*]. A independência de proposições elementares sugere, em seguida, que a proposição elementar só possa ter exatamente uma forma de negação. Se uma proposição elementar da forma ‘ $f(a)$ ’²⁵ não possa ter somente um oposto [*Gegenteil*] contraditório, mas sim também um oposto contrário²⁶ diferente, então

²² TLP 6.3751

²³ Um importante gatilho [*Auslöser*] para esta mudança é a crítica de Ramsey em uma discussão do *Tractatus*, Frank Ramsey, “Resenha do *Tractatus*”, *Mind*, 32, 1923. [N. T.: Há uma tradução brasileira na *Revista Philosophos*, 17, 2012.] Para a apresentação da influência de Ramsey, v. Dale Jacquette, p. 356 *et seq.*

²⁴ RLF, p. 25.

²⁵ ‘ f ’ indica uma propriedade e ‘ a ’ um indivíduo.

²⁶ Aqui é particularmente difícil traduzir “*konträres Gegenteil*”. Esta dificuldade também se remete à mesma peculiaridade, aludida acima, da língua alemã em construir expressões de origem híbrida permitindo redundâncias. “*Gegenteil*” é usualmente traduzido ao português como “contrário”, mas neste contexto perderíamos a diferença central entre “*Gegenteil*” e “*konträres*”, por isto optei por “oposto”. (N. T.)

isto significa que “Não é o caso que a é f é diferente de ‘ a não é f ’”. A atribuição da propriedade ‘não ser f é, por consequência, porém somente diferente da proposição “Não é o caso que a é f , se f for uma propriedade gradual”. Se f for uma propriedade gradual, então existem proposições elementares que são excluídas por ‘ $f(a)$ ’. Assim se perde o postulado da univocidade da negação das proposições elementares. Para isto é necessário se diferenciar o oposto contraditório e contrário. Assim se desiste de uma terceira característica do *Tractatus*, a saber, que em proposições elementares não apareçam sinais lógicos. Porque uma negação interna e uma externa devem ser diferenciadas, a forma lógica de uma proposição pode não ser mais visível, sem que o sinal de negação apareça em proposições elementares. Como um quarto ponto podemos manter que a sintaxe dos sinais lógicos não pode mais ser determinada sem a consideração do tipo de proposições logicamente articuladas. Como nós vimos no exemplo da exclusão de sentenças sobre cores [*Farbaussagen*], a sintaxe de ‘e’ depende das proposições da forma ‘()PT’ estarem vinculadas entre si. Porque em tais formas de proposições [*Satzformen*] a estrutura interna da proposição se torna relevante para a sintaxe dos conectivos [*Junktors*], se segue que a análise completa da proposição, que é constituída por uma articulação de proposições elementares por meio de símbolos lógicos, não pode mais *mostrar* [*zeigen*] sua estrutura lógica sem a consideração da estrutura interna das proposições elementares. À forma lógica de uma proposição pertencem a estrutura interna da proposição elementar tanto quanto as regras da sintaxe lógica que excluem determinadas articulações de proposições [*Satzverbindungen*]. A quinta consequência significa que as proposições centrais TLP 5 e 6 devem ser limitadas [*ingeschränkt*]. A proposição não é mais simplesmente uma operação de verdade de proposições elementares que podem ser determinadas através das tabelas de verdade para os símbolos lógicos, mas sim as operações de verdade estão sujeitas a limitações que são expressas através de regras complementares da sintaxe lógica. A “forma geral da proposição” [*allgemeine Satz-*

*form*²⁷], proposta em 6, se evidencia, pela mesma razão, como específica demais. O sexto ponto, e este é um ponto central: é eliminada uma contradição escondida no *Tractatus* com a recusa do postulação da independência para proposições elementares e para estado de coisas. Para a ontologia, este passo para a eliminação da contradição significa que a construção do mundo na forma de uma álgebra booleana construída a partir de estado de coisas elementares é perdida: Não vale mais que cada articulação de estado de coisas caracteriza um corte do mundo possível [*einen möglichen Weltausschnitt*] (ou um mundo possível), porque algumas articulações de estado de coisas estão excluídas²⁸.

Como estas numerosas mudanças podem ser avaliadas depende de qual papel elas desempenham para a central pretensão da filosofia do ‘*Tractatus*’. Como pretensão central é interpretada a construção de uma teoria do significado linguístico [*Theorie der sprachlichen Bedeutung*], de maneira que nas próximas seções se investiga de que modo a teoria do significado linguístico se modifica através da recusa do postulado da independência.

5. A mudança da teoria do significado através da recusa do postulado da independência

Antes que avalie as mudanças em *Some Remarks* para a teoria do significado linguístico, gostaria de primeiramente rejeitar a argumentação de Sievert de que não há diferença essencial no tratamento da exclusão de cores no *Tractatus* e no *Some Remarks*. Sievert descreve a posição do *Tractatus* desta maneira: “As contrapartes linguísticas da incompatibilidade das cores são (i) a não ocorrência de nenhuma tal atribuição de cor em uma linguagem restrita à afirmação de verdades e (ii) a afirmação metalinguística verdadeira que não exista tal atribuição verdadeira em uma

²⁷ No original, Wittgenstein não usa “*allgemeine Satzform*”, mas “*algemeine Form des Satzes*”. (N. T.)

²⁸ A. Newen: “Interpretation und Rekonstruktion der Ontologie in Wittgensteins *Tractatus*”, p. 34.

‘linguagem objeto’.²⁹ Segundo Sievert, é decisivo o terreno comum entre o *Tractatus* e o *Some Remarks*, quando se trata de uma impossibilidade lógica na exclusão de cores. Isto se *mostra* segundo o *Tractatus*, porque numa linguagem que só descreve fatos (que é constituída somente por proposições verdadeiras), *de fato* não aparece [*auftritt*] nenhuma conjunção da forma ‘RTP & BTP’. Porque no *Some Remarks* a diferença entre dizer e mostrar permanece em vigor, a exclusão das cores não é detectada neste ensaio através de uma descrição comum, mas sim através de uma regra *metalinguística*.³⁰

A apresentação de Sievert da exclusão das cores no *Tractatus* é inadequada e com isto colapsa também a afirmação de uma continuidade essencial no tratamento do problema: no *Tractatus* não é esboçada nenhuma teoria de uma linguagem que só é constituída de proposições verdadeiras. É uma característica essencial das proposições que elas tenham sentido independente de serem verdadeiras ou falsas. Isto é capturado pela teoria da figuração no *Tractatus*³¹. Em uma proposição se *mostra*, segundo o *Tractatus*, primeiramente, como as coisas estão³², caso a proposição seja verdadeira (TLP 4.022). Segundo ponto: outras propriedades internas se *mostram* independentemente da verdade ou falsidade de proposições, por exemplo, se *mostra* nas proposições ‘f(a)’ e ‘g(a)’ que ambas falam do mesmo objeto (TLP 4.1211). De fato vale no *Tractatus* a doutrina que todas as propriedades internas ou formais se *mostram*³³, contudo precisamente a propriedade formal da exclusão de cores não pode ser capturada assim: porque se trata aqui de uma impossibilidade lógica (TLP 6.375 e seguintes) e uma impossibilidade lógica não se *mostra* através de uma combinação não aparecer [*auftritt*] *de fato*. Se uma combinação de

²⁹ D. Sievert, p. 306.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ TLP 4.01 junto com o TLP 2.22 e 2.221.

³² Sigo aqui a tradução de Luiz Henrique dos Santos para “*Es verhält isch so und so*” em 4.5. (N. T.)

³³ TLP 4.12 *et seq.*, 4.124.

objetos *de fato* não aparece [*auftritt*], então fica em aberto no *Tractatus*, se isto é apenas casual, ou se esta combinação em princípio não pode aparecer [*auftreten*]³⁴. No *Tractatus* não há nenhuma possibilidade da exclusão das cores poder se mostrar. Por esta razão, Wittgenstein estendeu, no *Some Remarks*, a sintaxe do *Tractatus*.

A análise lógica de uma proposição da linguagem corrente [*umgangsprachlichen Satzes*] apresenta, segundo o *Tractatus*, como resultado, uma série [*Reihe*] de proposições elementares, que são articuladas umas com as outras através de sinais lógicos [*logische Zeichen*]. Esta concepção se mantém ainda no *Some Remarks*. Assim vale para ambos os textos que o significado linguístico de proposições complexas é reduzido ao significado linguístico da proposição em uma forma analisada. É característico do *Tractatus* que o significado [*Bedeutung*] de uma proposição complexa é determinado através de quatro aspectos, a saber:

- a) através de definições (explícitas), as quais reduzem [*zurückführen*] sinais complexos a sinais simples ou diretamente aos sinais mais simples, os nomes (cf. TLP 3.261);
- b) através do processo de análise lógica, com o qual proposições complexas são transformadas em proposições simples (cf. TLP 3.25, 2.0201);
- c) através da relação de substituição [*Vertretungsrelation*] entre os nomes, que ocorrem nas proposições elementares das proposições logicamente analisadas, e os objetos no mundo

³⁴ Segundo o *Tractatus*, se se *mostra* que, por exemplo, uma combinação de um indivíduo com uma relação não possa ocorrer, então isto se *mostra* na forma lógica do “objeto”: Neste exemplo, se mostra a impossibilidade lógica, porque uma combinação desta forma não pode formar um estado de coisas [*Sachverhalt*], entretanto não através, que de fato, nenhum fato [*Tatsache*] é encontrado, que é constituído somente de um indivíduo e uma relação. Uma explicação da diferença primária entre limitação sintática, que é considerada no *Tractatus*, e as que se tornam necessárias através da exclusão das cores, será dada nas páginas seguintes.

- (cf. TLP 4.0311, 4.0312); e
- d) através das operações de verdade, que pertencem aos sinais lógicos (ou através da forma geral da proposição) (cf. TLP 5.101 ou TLP 6).

No *Tractatus*, há no nível da proposição logicamente analisada dois modos pelos quais o significado linguístico [*sprachliche Bedeutung*] das expressões simples contidas ali pode ser determinado. Caso a expressão simples for um sinal lógico, então é assim determinado o seu significado linguístico através de uma tabela de verdade (d). Caso a expressão mais simples seja um sinal [*Zeichen*] não-lógico, assim é o seu significado linguístico o objeto indicado por ele. (c) O significado linguístico de sinais complexos é reduzido completamente, através da análise lógica (b) e de definições explícitas (a), ao significado linguístico de sinais simples. Porque o significado das proposições complexas é o mesmo que o significado da proposição em uma forma completamente analisada, pode-se indicar os aspectos c e d como constitutivos de significado em um sentido estrito; ao contrário disto, são os aspectos a e b somente um meio de transferência [*Mittels des Transfers*] do significado de sinais simples de uma proposição analisada para proposições complexas da linguagem corrente [*normalsprachlichen Sätzen*].

O núcleo da teoria do significado linguístico que esclarece a relação entre nomes e objetos é a teoria da figuração do *Tractatus*. A lógica desempenha nela um papel especial. À teoria da figuração pertence a tese que existe somente *uma* forma lógica, que é a forma da realidade [*Wirklichkeit*] (TLP 2.18 e seguintes). Uma configuração de sinais só pode então afigurar um estado de coisas [*Sachverhalt*], caso ela tenha a mesma forma do estado de coisas, isto é, caso ela seja logicamente estruturada como a realidade. Os objetos possuem uma forma lógica e os nomes recebem, com a projeção de uma proposição ao estado de coisas, a mesma forma lógica daqueles objetos representados. É essencial para a filosofia do *Tractatus* que somente exista *uma* lógica a qual seja ao mesmo

tempo a lógica do mundo e a sintaxe lógica da linguagem: “a lógica não é uma teoria, mas sim uma imagem especular do mundo”³⁵. Neste ponto, Wittgenstein mudou sua opinião nos anos 20. Estimulado por palestras de Brouwer³⁶, ele assumiu a posição do intuicionismo lógico, segundo a qual uma lógica não é considerada como a estrutura dada do mundo, mas sim como um cálculo construído para um determinado objetivo. Com isto, o rótulo “a lógica” perde o seu sentido, porque existem muitas lógicas com os mesmos direitos [*gleichberechtigte*], as quais somente poderiam ser selecionadas relativamente a um determinado objetivo de uso [*Verwendungszweck*].

No contexto desta mudança fica compreensível a expansão [*Erweiterung*] da teoria do significado linguístico no *Some Remarks*. Ao lado dos aspectos c e d, algumas regras devem ainda ser consideradas, as quais cuidam que a proposição logicamente analisada tenha a mesma multiplicidade lógica [*logische Mannigfaltigkeit*] da realidade [*Wirklichkeit*], porque, em oposição ao *Tractatus*, a estrutura lógica dos nomes não é ainda completamente determinada a partir da correspondência entre nomes e objetos. O significado linguístico de algumas expressões simples são determinadas adicionalmente através:

- e) de regras, fixadas para alguns determinados tipos de proposições elementares, que certas proíbem combinações de V e F.

A consideração adicional destas regras é em razão de três características uma ampliação [*Erweiterung*] essencial: Primeiro ponto, as regras chamadas abaixo de e (eu falo de “regras da forma e”) não correspondem a *uma* expressão linguística, apesar delas pertencerem ao nível de proposições analisadas, mas sim elas

³⁵ TLP 6.13.

³⁶ Compare com a discussão da influência de Brouwer na formação do verificacionismo de Wittgenstein: M. Wrigley. *The origins of Wittgenstein's verificationism*, p. 271-275.

produzem [*herstellen*] uma ligação entre os sinais lógicos e os predicados graduais ou com as proposições elementares formadas com eles. Segundo ponto, pode-se construir [*aufstellen*] uma outra sintaxe lógica, mudando as “regras de forma” e deixando os aspectos *a* até *d* constantes. Terceiro ponto, as limitações sintáticas que também são consideradas no *Tractatus* são de outro tipo que as regras de forma *e*, porque as primeiras estão implícitas na teoria da figuração e as últimas, ao contrário, não estão.

A primeira característica significa que o significado linguístico de alguns sinais simples de uma proposição logicamente analisada não é mais completamente determinado, caso o significado linguístico de outros sinais simples permaneçam desconsiderados. A segunda característica permite se falar de diferentes sintaxes lógicas em relações de substituição constantes [*konstanter Vertretungsrelation*] entre nomes e objetos. Porque a forma lógica é expressa (se *mostra*) na sintaxe lógica, pode-se, ao contrário disso, marcar a posição do *Tractatus* da seguinte forma: uma configuração de sinais que não tenham a sintaxe lógica, não pode de forma alguma ser uma figuração [*Bild*]. Com a ampliação através das regras de forma *e* no *Some Remarks* se perde a univocidade [*Eindeutigkeit*] da lógica: Com isto para uma configuração de sinais simples poder ser uma figuração, é além disso suficiente que os aspectos *c* e *d* sejam satisfeitos, isto é, é preciso que para cada sinal não-lógico de uma proposição elementar seja atribuído um objeto e as operações de verdade de sinais lógicos devem ficar fixas [*müssen feststehen*]. Assim permanecem [*verbleiben*], contudo, tantas possibilidades de limitar figurações quanto existem possibilidades de determinar regras adicionais de forma *e*. Porque Wittgenstein em *Some Remarks* está convicto que a linguagem deva ter as mesmas possibilidades que a realidade, deve ser dado um conjunto de regras adicionais de forma *e* que devem ser selecionadas [*heraussondiert*] de possíveis figurações, que satisfaçam as nomeadas exigências. É essencial em relação à segunda característica, que a sintaxe lógica não mais expresse as condições de figuração [*Abbildung*], porque

se alguma coisa pode ser uma figuração, isto já é fixo sem as regras de forma e, enquanto a sintaxe lógica é determinada a partir delas.

A terceira característica pressupõe uma determinada interpretação da ontologia do *Tractatus*, a saber, a aceitação que aos seus “objetos” não são somente indivíduos, mas também propriedades e relações *n*-árias³⁷. A forma de um objeto é, segundo o *Tractatus*, a possibilidade de sua ocorrência em um estado de coisas (TLP 2.0141). Se aos “objetos” no *Tractatus* também pertencem universais, então não ocorrem determinadas articulações [*Verbindungen*] de objetos no mundo, por exemplo, a articulação de um único indivíduo com uma relação binária, porque esta não figura um fato. Correspondentemente, há uma limitação sintática para as expressões simples, por exemplo: um nome não pode formar uma proposição em ligação com uma expressão de relação, mas somente em ligação com uma palavra de propriedade [*Eigenschaftswort*]. Limitações sintáticas desta forma são contidas implicitamente na teoria da figuração: Não é possível fazer a ligação de um nome com uma expressão de relação através de uma projeção a uma figuração [*Bild*], porque a ligação de expressões não é uma proposição e somente proposições têm uma forma lógica para poder figurar um estado de coisas. Quando nós ligamos [*verbinden*] uma expressão relacional binária, por exemplo, “ser idêntico” com um nome “Sócrates”, então a estrutura que parece uma proposição [*satzartige Gebilde*] não tem sentido, porque o nome necessita de uma palavra de propriedade [*Eigenschaftswort*] como complemento, e na proposição aparente “Sócrates é idêntico” a palavra “idêntico”, como palavra de propriedade, não tem significado [*Bedeutung*]³⁸. As limitações sintáticas são parte da teoria da figuração porque as partes da proposição [*Satzteile*] somente se tornam em estados de coisas, indicações [*Bezeichnungen*] de indivíduos, propriedades e relações a partir da projeção de sinais

³⁷ Sobre a pergunta a respeito dos universais no *Tractatus*: W. Sellars, “Naming and saying”; I. Copi, “Objects, properties and relations”; A. Newen, “Interpretation und Rekonstruktion der Ontologie in Wittgensteins *Tractatus*.”

³⁸ TLP 5.4733

proposicionais [*Satzzeichen*]. Diferentemente se comportam as regras de forma e. Caso, através de uma projeção de sinais proposicionais [*Satzzeichen*] em um estado de coisas, já esteja fixo o que os sinais simples indicam, então as regras de forma e garantem adicionalmente que os sinais não tenham um espaço de manobra lógico [*logischen Spielraum*] maior que o representado [*Bezeichnete*]. Enquanto no *Tractatus* a forma lógica do representado fica completamente fixa com a correspondência dos sinais e do representado, ela somente fica completamente determinada, no *Some Remarks*, com as regras de forma e.

Eu gostaria de continuar ainda esclarecendo o significado das mudanças no *Some Remarks*, mostrando quais papéis desempenha a introdução de regras de forma e no processo de mudança da filosofia wittgensteiniana de 1929 a 1931/32³⁹.

6. Classificação do *Some Remarks on Logical Form* no desenvolvimento da filosofia wittgensteiniana da linguagem

Tese: A introdução de regras de forma e é, por um lado, um primeiro passo para uma redução ao absurdo da teoria da figuração do *Tractatus* e, por outro lado, um primeiro passo na construção de uma teoria do significado linguístico baseada na noção de cálculo. Ambos os processos são estreitamente ligados um ao outro e marcam, além disso, a virada de uma filosofia da linguagem ideal para a filosofia da linguagem corrente [*normalen Sprache*]. Estes três aspectos do desenvolvimento da filosofia wittgensteiniana serão esclarecidos a seguir:

Uma redução ao absurdo da teoria da figuração se sucede como consequência de Wittgenstein descobrir [*aufdeckt*] mais formas de

³⁹ Serão consideradas além do *Tractatus* e do *Some Remarks on Logical Form*, sobretudo os escritos publicados nos volumes 2 e 3 da obras editadas pela Suhrkamp. O volume 2 contém sobretudo as *Observações Filosóficas* (PB). No volume 3 se encontram as anotações de Waismann de conversas, que Wittgenstein, do fim de 1929 a meados de 1932, conduziu com os membros do Círculo de Viena.

proposições, que não poderiam ser uma figuração da realidade [*Bild der Wirklichkeit*], sem que fosse um passo importante atribuir a elas um significado linguístico. No *Tractatus*, as proposições da lógica são caracterizadas como sem sentido [*sinnlos*] e proposições éticas, estéticas e religiosas como absurdas [*unsinnig*]. Ambos os tipos de proposições não são figurações. As proposições da lógica *mostram* a estrutura da realidade e da linguagem. Ao contrário disto, sobrevêm com o emprego de proposições éticas, estéticas e religiosas somente uma tentativa de expressão que vai de encontro aos limites da linguagem.

Em seus trabalhos posteriores Wittgenstein se ocupou sempre novamente com proposições que expressam impossibilidades e necessidades lógicas. Em *Some Remarks* são excluídas, através de regras de forma *e*, que a um objeto em um instante [*Zeitpunkt*] sejam atribuídos dois diferentes valores de uma propriedade, por exemplo, “Este ponto é vermelho no tempo T e este <mesmo> ponto é azul no tempo T”. A exclusão desta proposição no contexto da teoria da figuração diz que ela não tem nenhum significado linguístico. Já em dezembro de 1929 Wittgenstein considerou proposições da forma “eu não posso sentir a sua dor”⁴⁰. A negação das proposições deste tipo expressam uma configuração impossível da realidade, que correspondentemente não pode também ser figurada na linguagem. A sintaxe deve portanto ser ampliada a partir de regras de forma *f*. Estas são segundo Wittgenstein regras que indicam como a expressão “eu” pode ser eliminada da linguagem⁴¹. Outros exemplos de proposições se dão em um contexto de consideração de um jogo de xadrez. “o cavalo só *pode* se movimentar em L, o bispo somente na diagonal e a torre somente em linha reta”⁴². As regras de forma *e* e *f* que estavam até agora à disposição não excluem estas proposições. Se alguém quisesse salvar a teoria da figuração, deveria aqui ainda introduzir outras regras da sintaxe

⁴⁰ WWK, p. 49, 22/12/1929.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² WWK, p. 104, 19/06/1930. Exemplos adicionais para tais proposições, que Wittgenstein chama de proposições da sintaxe, se encontram em PB, p. 218.

xe, que excluam a formação destas proposições. Sobre isto não se acha mais em Wittgenstein nenhuma consideração [*Überlegung*], porque as considerações sobre jogo de xadrez marcam a transição para a teoria do significado baseada na noção de cálculo e com isto não é mais negado que estas proposições tenham um significado linguístico, apesar de não figurarem nada. Ele toma estas proposições como postulados sobre o modo da descrição de fatos⁴³. A redução ao absurdo da teoria da figuração fica ainda mais clara quando Wittgenstein percebe quão modesta parte das proposições da linguagem corrente [*normalsprachlichen Sätze*] ele pode explicar o significado linguístico, porque a teoria da figuração o obriga a se concentrar em afirmações. Ao contrário disso, na teoria do significado baseada na noção de cálculo não se encontra problemas para tratar de imperativos, por exemplo⁴⁴. Apesar disto, a consideração do papel de uma proposição dentro de um sistema de proposições ou então dentro de um cálculo não tem por consequência imediata a rejeição de uma teoria da figuração. Ao contrário disto, permanece primeiramente uma característica principal da teoria da figuração, a saber, a perspectiva que a finalidade da linguagem é poder representar a realidade. A introdução de regras de sintaxe é considerada primeiramente como um mecanismo mais completo para o alcance deste objetivo: “As regras para o produto lógico etc. não são mesmo independentes de outras regras da sintaxe. Ambas pertencem ao método de figuração do mundo [Ab-

⁴³ PB, p. 218: “[...] e ‘a soma dos ângulos de um triângulo são 180 graus’ quer dizer, caso a soma não se mostrar sendo 180 graus quando medida, vou tomá-la como um erro de medida. A proposição é um postulado sobre o modo da descrição de fatos.”

⁴⁴ Sobre uma garrafa cheia de gasolina que traz uma etiqueta ‘Gasolina’, Wittgenstein observa: “Esta etiqueta agora é um ponto de apoio [Angriffspunkt] para o cálculo, a saber, para o uso. Com efeito, eu posso dizer para o senhor: ‘Pegue, por favor, a gasolina!’ E através desta etiqueta há uma regra, a partir da qual o senhor tem que proceder. Caso o senhor pegue a gasolina, isto também é novamente um passo naquele cálculo, que é determinado através de regras”. WWK, p. 168, 21/09/1931.

bildung der Welt]”⁴⁵. Uma radical recusa da teoria da figuração se sucede apenas com a desistência da integração de um propósito da linguagem à teoria do significado linguístico. Com a formação de uma teoria do significado baseada na noção de uso, Wittgenstein toma suas investigações gramaticais como independentes das investigações de um propósito da linguagem⁴⁶. O caminho da formação da teoria do uso não é aqui mais um problema. Com este esboço curto, deve ter ficado claro que a introdução de regras da forma e para proibir afirmações sobre a incompatibilidade de cores é um importante passo na introdução de uma redução ao absurdo de uma teoria da figuração.

O segundo aspecto é o papel das mudanças no *Some Remarks* para a construção de uma teoria do significado linguístico baseada na noção de cálculo que ocorre paralelamente à redução ao absurdo de uma teoria da figuração. Um primeiro passo será completado com a consideração de regras da forma e. Wittgenstein caracteriza estas regras em janeiro de 1930 como o que liga [*verbinden*] proposições a sistemas de proposições [*Satzsysteme*]: “Toda proposição está em um sistema de proposições, que é colocado contra a realidade como uma régua”⁴⁷. Para o significado de uma proposição (especialmente uma proposição elementar) é essencial sabermos as ligações [*Verbindungen*] dela com outras proposições. Por isso, não é mais possível dar o significado linguístico de uma proposição, sem dar a sua rede de ligações com outras proposições. Esta rede de ligações é também caracterizada como uma régua que faz, primeiramente, uma medição possível. O segundo passo é que

⁴⁵ WWK, p. 81, 2/1/1930.

⁴⁶ Uma clara tomada de posição a este respeito se encontra, no mais tardar, em *Big Typescript* (TS 213) do ano de 1933 no parágrafo 44, p. 191-195: “Um sinal está lá de fato sempre para um ser vivo, assim este ser deve ser essencial para o sinal’. Certamente: também uma poltrona está lá sempre somente para um ser humano, mas ela se deixa descrever sem que nós falemos de um propósito. De fato, no fim nós não falamos nada sobre as propriedades dos sinais, porque estas não nos interessam, mas somente as regras (gerais) de seu uso” (p. 192).

⁴⁷ WWK, p. 76, 2/1/1930.

uma tal rede de ligações [*Netz der Verbindungen*] é melhor compreendida como um conjunto de regras que constituem um jogo. Esta perspectiva é sugerida através da comparação da linguagem com um jogo de xadrez. Com esta comparação é desenvolvida uma teoria do significado linguístico baseada na noção de cálculo, a qual eu gostaria de esboçar de maneira curta:

A sintaxe da linguagem é comparada com as regras do jogo de xadrez: “A verdade do formalismo é a que toda a sintaxe se deixa interpretar como um sistema de regras de um jogo”⁴⁸. Wittgenstein caracteriza um sistema de regras como um cálculo⁴⁹. Os sinais [*Zeichen*] que são utilizados em um cálculo recebem o seu “significado no cálculo” através das regras, que constituem o cálculo⁵⁰. Assim como a figura de um peão no jogo de xadrez ganha seu significado no “jogo de xadrez” através das regras do jogo para esta figura, assim ganha um sinal linguístico seu “papel (significado) na sintaxe” através das regras da sintaxe:

⁴⁸ WWK, p. 103, 19/6/1930.

⁴⁹ Com isto, Wittgenstein não quer apenas introduzir uma analogia vaga, mas sim oferecer uma nova explicação para o significado de expressões linguísticas: “Existe, pois, entre o modo de uso [*Verwendung*] de nossas palavras na linguagem e em um cálculo não algo como uma mera analogia, mas sim eu posso de fato interpretar o conceito de cálculo de tal modo que a aplicação [*Anwendung*] de palavras é incluída nele.” WWK, p. 168, 21/09/1931. [N. T.: Se as notas de Waismann estiverem de fato corretas aqui, é claro que Wittgenstein usa em um mesmo parágrafo as palavras “*Verwendung*” e “*Anwendung*”. Entretanto, uma distinção mais refinada, apesar de central (e difícil de traduzir) em sua filosofia tardia, não me parece desempenhar papel relevante neste contexto histórico do WWK. De toda forma, uso “uso” para “*Verwendung*” e para aplicação, “*Anwendung*” para marcar a distinção de palavras, embora a distinção conceitual entre as duas em um contexto de discussão menos formal seja mínimo.]

⁵⁰ “O sistema de regras que determinam um cálculo também determinam com isto o ‘significado’ [*Bedeutung*] de seus sinais. Dito de maneira mais correta: A forma e as regras sintáticas são equivalentes. Se eu mudar as regras – complemento-as com algo aparente – desta forma eu mudo a forma, o significado [*Bedeutung*]” (PB, §152, p. 178).

Eu não posso dizer: Este é um peão e para esta figura valem esta e aquela regras do jogo. Mas sim as regras do jogo *determinam* antes esta figura: O peão é a soma das regras através das quais ele é movimentado (também o campo é uma figura), assim como na linguagem as regras da sintaxe determinam o lógico [*das Logische*] na palavra.⁵¹

Para o uso do conceito de cálculo é essencial que Wittgenstein articule com isto a diferença comum na matemática entre cálculo e sua interpretação⁵². O cálculo é um sistema de regras que determinam quais passos [*Züge*] podem ser feitos no sistema de regras. As regras do jogo de xadrez, por exemplo, determinam quais jogadas [*Züge*] podem ser feitas com as figuras. O cálculo recebe uma interpretação somente quando, por exemplo, o cálculo do jogo de xadrez é aplicado a uma batalha entre pessoas, que é representada com o jogo de xadrez.⁵³ De acordo com isto a sintaxe como cálculo somente determina quais combinações de sinais são permitidas, quais relações lógicas existem entre sinais complexos, e assim por diante. Desta forma fica ainda em aberto como a sintaxe é aplicada ou interpretada. A sintaxe determina somente o papel sintático das expressões linguísticas, mas não a sua interpretação ou significado linguístico.

O cálculo é tomado como um sistema de regras que não descreve nada. Ele é um sistema que se deixa aplicar para a representação [*Darstellung*] de um fenômeno ou não: “O cálculo não descreve nada. Ele se deixa aplicar no que ele se deixa aplicar.”⁵⁴ Um cálculo também não se deixa justificar. Ele somente se deixa aplicar com sucesso ou não. “A sintaxe não se deixa fundamentar. Ela é por isso arbitrária. Fora da aplicação, considerada por ela mesma sozinha, ela é jogo, tanto quanto um jogo de xadrez.”⁵⁵ O discurso que não existe uma justificação para o cálculo quer dizer que todo cálculo deve ser considerado como tendo o mesmo valor [*gleich-*

⁵¹ WWK, p. 134, 30/12/1930.

⁵² WWK, p. 106, 19/6/1930 e p. 113 *et seq.*, 25/9/1930.

⁵³ WWK, p. 104, 19/6/1930; p. 170, 21/9/1931.

⁵⁴ WWK, p.106, 19/5/1930.

⁵⁵ WWK, p. 105, 19/6/1930.

wertig]. Um cálculo no qual uma contradição somente tem a forma ‘ $p \cdot \neg p$ ’ não é menos justificado que um que exhibe ‘RTP & BTP’ como uma outra forma de contradição. Eles se diferenciam somente através do seu domínio de aplicação.

O que significa aplicar um cálculo?⁵⁶ “A aplicação do cálculo pode se dar de maneira que proposições *verdadeiras* e *falsas* correspondam às configurações do cálculo. Desta forma, o cálculo resulta em uma teoria que descreve algo”⁵⁷. Como aplicação do cálculo, Wittgenstein menciona a representação de uma batalha entre habitantes de Marte⁵⁸. O desenvolvimento desta teoria do cálculo [*Kalkültheorie*] começa em *Some Remarks* com a discussão de regras de forma e, porque elas são o primeiro exemplo da consideração do papel de uma proposição em um sistema de proposições com respeito ao significado linguístico de um sinal; isto conduz para uma teoria do cálculo através da consideração de outras formas de regras.

O terceiro aspecto do desenvolvimento da teoria do significado linguístico de Wittgenstein é a transição de uma filosofia da linguagem ideal [*idealen Sprache*] para uma filosofia da linguagem corrente [*normalen Sprache*]. A filosofia do *Tractatus* é um caso paradigmático de uma filosofia da linguagem do linguagem ideal. Ela se deixa caracterizar por três características: (i) A análise lógica de proposições da linguagem corrente conduz a proposições elementares que poderiam ser dadas pela teoria do conhecimento depois de pesquisas posteriores. (ii) O significado de proposições da linguagem corrente é ligado através da análise lógica com o significado de proposições elementares e com isto com a relação de substituição que dá significado aos nomes pelos objetos; e de fato só pode haver proposições da linguagem corrente com sentido

⁵⁶ Wittgenstein diferencia a aplicação do cálculo no sentido de uma constituição de um jogo da aplicação do jogo para a apresentação de fatos [*Sachlagen*]. No que se segue eu só me ocuparei da segunda forma de aplicação.

⁵⁷ WWK, p. 126, 26/12/1930.

⁵⁸ WWK, p. 104, 19/6/1930.

porque a relação de substituição nome-objeto existe⁵⁹. Disto se seguem duas consequências: (2a) A filosofia pode esclarecer através da análise lógica o que é dito [*gemeint*] com uma proposição da linguagem corrente e (2b) o entendimento de uma proposição pressupõe em algum sentido um conhecimento da relação de substituição que lhe dá significado. (3) A tarefa da filosofia é a descoberta de reais [*wirklichen*] formas lógicas de proposições em oposição a formas lógicas aparentes (4.0031).

Com a teoria do significado baseada na noção de cálculo, Wittgenstein já se movimenta em uma filosofia da linguagem corrente, porque se dirige decisivamente contra o ponto nuclear de sua filosofia de juventude: (1') "Assim eu acreditara que a tarefa da análise lógica era descobrir as proposições elementares. [...] eu queria dizer de fato que se podia mais tarde dar as proposições elementares. [...] Isto é um erro. Na verdade nós já temos tudo e além disso, *agora* [*gegenwärtig*], nós não precisamos esperar por nada. Nós nos movemos no domínio da gramática de nossa linguagem comum [*gewöhnlichen Sprache*] e esta gramática já está lá"⁶⁰. Wittgenstein não abre mão somente da esperança de poder dar proposições elementares, mas também não anexa [*beimesse*] à relação de substituição nome-objeto qualquer produção de sentido [*bedeutungstiftend*]. Isto se deixa expressar pela sua explícita recusa das consequências 2a e 2b: (2') "A análise lógica pode de fato esclarecer, o que nós queremos dizer com as proposições da lingua cotidiana [*Umgangssprache*]? [...] Nós devemos esperar pela análise lógica? Mas que ideia infernal! A filosofia deve primeiro me esclarecer o que eu quero dizer com minhas proposições e se eu quero dizer alguma coisa com elas. Eu devo poder entender a proposição sem saber a análise"⁶¹. Juntamente com a rejeição do programa do

⁵⁹ TLP 4.0311 e 4.0312.

⁶⁰ WWVK, p. 182-183, 9/12/1931. Compare também PB, parágrafo 3, p. 52.

⁶¹ WWK, p. 129-130, 28/12/1930. No contexto de uma discussão sobre completude, nós encontramos na PB a seguinte observação: "o que eu posso entender eu tenho que entender completamente. Isto tem a ver com o fato de uma linguagem, assim como ela é, está em ordem e que a análise lógica, para

atomismo lógico, Wittgenstein desenvolve um novo método filosófico. O trabalho filosófico limita-se à tarefa de descrição de regras de gramática: (3') “Isto é o que acontece na gramática.” Nós não podemos fazer outra coisa do que *tabular regras*. Se podemos determinar através de investigação [*befragen*] que alguém reconhece algumas vezes esta regra outras vezes outra regra para uma palavra, então diria para ele: Assim você tem que diferenciar de maneira precisa, *como* você usa esta palavra; e *mais do que isso eu não preciso dizer*”⁶².

Nesta mudança clara de uma filosofia da linguagem ideal para uma filosofia da linguagem corrente, o ensaio *Some Remarks* desempenha novamente um importante papel. Se Wittgenstein ainda mantém ali a concepção de uma linguagem ideal, então ele investiga factualmente exemplos de proposições da linguagem corrente em sua forma lógica. Enquanto ele no *Tractatus* abre mão conscientemente de dar exemplos de proposições elementares, ele trata em *Some Remarks* de proposições na forma “A cor R se encontra no tempo T no lugar P” como proposições não-analisáveis de fato, ou seja, como proposições elementares. Proposições da linguagem corrente, por consequência, não são mais tratadas como deficientes [*defizitär*] em relação a proposições da linguagem ideal⁶³. Isto se dá também quando Wittgenstein, pouco tempo depois, rejeita, em princípio a partir da teoria do cálculo, a orientação de uma filosofia da linguagem ideal.

atingir uma clareza perfeita, não deve acrescentar nada ao sentido existente das minhas proposições. De maneira que a aparentemente não clara proposição depois da análise mantém intacto o seu conteúdo anterior e somente é esclarecida a sua gramática”. (PB, parágrafo 158, p. 188).

⁶² WWK, p. 184, 9/12/1931. Compare também: “Eu apenas faço alguém ficar atento ao que ele de fato faz, e me abstenho de qualquer afirmação. Tudo deve proceder então na gramática”. (WWK, p. 186, 9/12/1931).

⁶³ É difícil encontrar em que momento Wittgenstein em sua filosofia de juventude defendeu que proposições da linguagem corrente são proposições deficientes em qualquer sentido relevante. Pelo contrário, ele afirma explicitamente que são proposições logicamente em ordem (TLP 5.5563). (N. T.)

Para avaliarmos a significação das mudanças no *Some Remarks* de maneira resumida, gostaria de tentar em uma forma concisa comparar a teoria do significado linguístico no *Tractatus* com a teoria do significado baseado na noção de cálculo. Para o *Tractatus* é característico que os sinais simples, as partes proposicionais de uma proposição completamente analisada, sejam diferenciadas de maneira clara entre categoremáticas e sincategoremáticas. Os sinais lógicos são sincategoremáticos, isto é, seu significado [*Bedeutung*] é dado completamente pelo seu papel sintático (no *Tractatus* através de tabelas de verdade) e sinais não-lógicos são categoremáticos, isto é, seu significado é completamente dado através do objeto indicado [*bezeichneten Gegenstand*]; eles têm somente um significado semântico [*semantische Bedeutung*]. Na teoria do significado baseada na noção de cálculo, sinais simples, que são palavras da linguagem corrente, não se deixam categorizar desta forma. *A fortiori*, o que acontece é que todo sinal linguístico tem um papel determinado através da sintaxe, seu papel em um cálculo, que pode ser dado através das regras sintáticas para este sinal. Além disso, alguns sinais não-lógicos têm um significado semântico que só se deixam coordenar aos sinais singulares, ao se usar o cálculo como um todo para a representação de uma situação [*Sachlage*]: Por exemplo, quando alguém utiliza um cálculo de xadrez para descrever o comportamento de guerra de habitantes de Marte. Produzir uma correspondência de nomes e objetos significa usar o cálculo como um todo para a representação de uma situação⁶⁴. No *Tractatus*, o significado linguístico de um sinal simples não-lógico é o objeto indicado [*bezeichnete Gegenstand*]. Na teoria do significado baseada na noção de cálculo só se deixa dar o significado linguístico de um sinal simples não-lógico ao se dar as

⁶⁴ A aplicação de um cálculo é somente possível como um todo, porque ele só atribui um papel sintático aos sinais, que pertencem ao cálculo, como um todo. E porque o papel sintático de um sinal é ao menos uma parte de seu significado linguístico. “Entender p quer dizer entender um sistema. Se um p passar aparentemente de um sistema para outro, então na realidade p mudou o seu sentido” (PB, §153, p. 180). Compare também p. 182 e nota 42.

regras sintáticas, que valem no cálculo, para este sinal e além disso se determinar ao que o cálculo como um todo se aplica.

De maneira resumida podemos manter: no desenvolvimento da teoria da significação baseada na noção de cálculo, a introdução de regras da forma *e* no *Some Remarks* é, em muitos sentidos, um passo importante: Com elas é ampliada a paleta de, segundo o *Tractatus*, proposições não significativas [*nicht sinnvollen Sätzen*], onde também fica mais insustentável [*unhaltbarer*] atribuir a elas um significado linguístico. Assim, a redução ao absurdo da teoria da figuração é introduzida. Em segundo lugar, são consideradas consequentemente como necessárias regras para o significado linguístico de um sinal que não são só coordenadas a um sinal simples [*einzelnen*], porque são produzidas com elas relações com diferentes sinais (sinais lógicos e sinais não-lógicos). A isso pertence também que todo predicado gradual destes predicados é determinado através da relação de substituição conjuntamente com as regras de forma *e*. A ampliação destas regras conduz com a ajuda da analogia do jogo de xadrez a uma teoria do significado baseada na noção de cálculo. Em terceiro lugar, os exemplos de proposições da linguagem corrente marcam o primeiro passo para a mudança de uma filosofia da linguagem ideal para a filosofia da linguagem corrente.

7. Observações finais

Ainda que em *Some Remarks*, e posteriormente, ainda se mantenha aspectos fundamentais da teoria da figuração do *Tractatus*, há importantes aspectos vinculados à recusa do postulado da independência das proposições elementares e estados de coisas que são os primeiros passos dados na direção de uma redução ao absurdo da teoria da figuração, na construção de uma teoria do significado baseada na noção de cálculo e na virada de uma linguagem ideal para uma linguagem corrente. Diferentemente do que Sievert manteve e em função de aspectos diferentes dos levantados por Austin, encontramos no ‘Some Remarks’ modificações importantes, cuja significância foi esclarecida através da contextualização no

desenvolvimento posterior da filosofia da linguagem wittgensteiniana. Com isso se toma como correta ao mesmo tempo o modelo de uma abrangente, mas gradativa mudança posterior do pensamento wittgensteiniano.

Literatura

ALLAIRE, Edwin B. *Tractatus* 6.3751. *Analysis*, 19, 1959, p. 100-105.

AUSTIN, James. Wittgenstein's solution to the color exclusion problem. *Philosophy and phenomenological research*, 41, 1980, p. 142-149.

COPI, Irving. Objects, properties and relations in the *Tractatus*. In: COPI, I.; BEARD, R. (Ed.). *Essays on Wittgenstein's Tractatus*. Londres: Routledge, 1966. p. 167-186.

HACKER, P. M. S. *Insight and illusion*. Oxford: Clarendon Press, 1972.

HILMY, S. Stephen. *The later Wittgenstein: the emergence of a new philosophical method*. Oxford, 1987.

HINTIKKA, Merrill; HINTIKKA, Jaakko. *Investigating Wittgenstein*. Oxford: B. Blackwell, 1986.

JACQUETTE, Dale. Wittgenstein and the color incompatibility problem. *History of Philosophy Quarterly*, 7, 1990. p. 353-365.

KENNY, Anthony. *Wittgenstein*, Harmondsworth, 1973.

NEWEN, Albert. Interpretation und Rekonstruktion der Ontologie in Wittgensteins *Tractatus*. *Grazer philosophische Studien*, 41, 1991, p. 33-65.

NEWEN, Albert. *Kontext, Referenz und Bedeutung: eine Bedeutungstheorie singulärer Terme*. Paderborn: Schöningh, 1996.

NEWEN, Albert; VON SAVIGNY, Eike. *Analytische Philosophie: eine Einführung*. Munique: Fink, 1996. especialmente cap. 3.

SELLARS, Wilfried. Naming and saying. In: SELLARS, Wilfried. *Science, perception and reality*. Londres: Routledge, 1963.

SIEVERT, Don. Another look at Wittgenstein on color exclusion. *Synthese*, 78, 1989, p. 291-318.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus logico-philosophicus* (TLP). Werkausgabe, Band 1. Frankfurt: Suhrkamp, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Bemerkungen* (PB). Werkausgabe, Band 2. Frankfurt: Suhrkamp, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Wittgenstein und der Wiener Kreis* (WWK). Werkausgabe, Band 3. Frankfurt: Suhrkamp, 1984.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Big typescript*, TS 213. Cornell-Verfilmung des Wittgenstein-Nachlasses.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Some remarks on logical form. *Aristotelian Society Supplementary*, v. 9: Knowledge, experience and realism, 1929, p. 162-171. Reimpr.: WITTGENSTEIN, Ludwig. Some Remarks on Logical Form (RLF). In: COPI, I.; BEARD, R. (Ed.). *Essays on Wittgenstein's Tractatus*. Londres: Routledge, 1966. p. 31-37. Trad. para o alemão: WITTGENSTEIN, Ludwig. Bemerkungen über logische Form. In: SCHULTE, Joachim. (Ed.). *Wittgenstein: Vortrag über Ethik und andere kleine Schriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1989. p.20-28.

WRIGLEY, Michael. The origins of Wittgenstein's verificationism. *Synthese*, 78, 1989, p. 265-290.

Tradução recebida em 16/01/2015, aprovada em 8/08/2015